

## MEMÓRIAS DE UMA MULHER: CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS

### MEMORIAS DE UNA MUJER: CONTRIBUCIONES A LA FORMACIÓN EN ARTES VISUALES

### MEMORIES OF A WOMAN: CONTRIBUTIONS TO TRAINING IN VISUAL ARTS

Recebido em: 14/11/2020

Aceito em: 31/12/2020

Carolina Alexandre da Mota<sup>1</sup>

Maria Betânia e Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto busca investigar memórias de uma mulher que contribuíram para o processo de formação artística de sua própria filha que na juventude optou pela formação superior em Artes Visuais. Como percurso metodológico seguimos a trilha da pesquisa qualitativa e dentro dela a pesquisa narrativa, pois nos possibilita abrir possibilidades para revisitar as próprias histórias. Além disso, a pesquisa narrativa provoca inquietações na forma de compreender-se como sujeito no mundo e é o próprio sujeito quem organiza e narra a experiência na perspectiva de um inventário do vivido. O estudo mostra que a memória é mais do que o ato de visitar o passado, de trazer à tona as lembranças, é uma forma de reforçar os laços que estavam empoeirados, sentir conexões fortes, mas que estavam sendo esquecidas que é também o território de recriação e de reordenamento da existência.

**Palavras-chave:** Memórias; Formação; Pesquisa Narrativa; Artes Visuais.

**Resumen:** El texto busca indagar en los recuerdos de una mujer que contribuyó al proceso de formación artística de su propia hija quien, en su juventud, optó por la educación superior en Artes Visuales. Como camino metodológico, seguimos la investigación cualitativa y la narrativa dentro de él, ya que nos permite abrir posibilidades para revisar nuestras propias historias. Además, la investigación narrativa suscita inquietudes en la forma de entenderse como sujeto en el mundo y es el propio sujeto quien organiza y narra la experiencia en la perspectiva de un inventario de lo vivido. La pesquisa muestra que la memoria es más que el acto de visitar el pasado, de traer recuerdos, es una forma de reforzar los lazos que estaban polvorientos, sintiendo conexiones fuertes, pero que se estaban olvidando, que también es territorio de recreación y reorganización de la existencia.

**Palabras-chaves:** Memorias; Formación; Investigación Narrativa; Artes Visuales.

**Abstract:** The text seeks to investigate the memories of a woman who contributed to the artistic formation processo f her own daugther who, in her youth, opted for higher education in Visual Arts. As a methodological path, we follow qualitative research and the narrative within it, as it allows us to open possibilities to review our own stories. In addition, narrative research raises concerns in the way of understanding oneself as a subject in the world and it is the subject

---

<sup>1</sup> Graduanda na Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: carolalexandre13@gmail.com

<sup>2</sup> Docente na Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: mbspaggav@gmail.com

himself who organizes and narrates the experience from the perspective of na inventory of what has been lived. The study shows that memory is more than the act of visiting the past, of bringing up memories, it is a way of reinforcing the bonds that were dusty, feeling Strong connections, but that were being forgotten, which is also the territory of recreation and reorganization of existence.

**Keywords:** Memories; Training; Narrative Research; Visual Arts.

## INTRODUÇÃO

As memórias se conectam ao tempo e ao espaço e investigá-las contribui para ampliar o entendimento dos percursos de formação estimulados desde a primeira célula social, a família, bem como compreender o papel da mulher nesse processo.

O texto busca investigar memórias de uma mulher que contribuíram para o processo de formação artística de sua própria filha que na juventude optou pela formação superior em Artes Visuais. Esse estudo intenciona contribuir para o campo científico da arte no sentido de ampliar as discussões sobre as trajetórias de formação e suas relações com a memória.

Como percurso metodológico seguimos a trilha da pesquisa qualitativa e dentro dela a pesquisa narrativa (MARTINS; TOURINHO; SOUZA, 2017), pois nos possibilita abrir possibilidades para revisitar as próprias histórias. Além disso, a pesquisa narrativa provoca inquietações na forma de compreender-se como sujeito no mundo e é o próprio sujeito quem organiza e narra a experiência na perspectiva de um inventário do vivido. Assim, utilizamos entrevistas realizadas com os pais, irmãos e tias, álbuns de fotografias, objetos pessoais diversos que contribuíram para nos ajudar a tecer os fios dessa narrativa na busca de nosso objetivo de investigação.

A educação tem um papel transformador na sociedade e as experiências iniciais acontecem na primeira célula social em que somos inseridos, a família. Diante disso, que memórias ficaram registradas em uma mãe sobre as experiências criadoras provocadas na formação de sua própria filha? Como a mãe estimulava o processo criador na infância? Que contatos com a arte a mãe possuía e possibilitou acesso a sua filha?

Paulo Freire (1996, p.47) já dizia que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Inventar modos, formas e provocar experiências inventivas diversas, desde a mais tenra infância, no contexto em que se está inserido, estimula outras perspectivas de visualização, compreensão e intervenção no mundo para significar e ressignificar a própria existência.

Diante disso, também nos ajuda a ampliar o entendimento da importância das primeiras experiências vivenciadas na família a afirmativa de Camillis (2002, p.8) ao dizer que “o papel fundamental, exercido pelos adultos e pelo contexto na formação das pessoas se apresenta como um dos fios condutores para as atividades na vida adulta”. Unindo-se a esse entendimento Ostrower (2009, p.166) reforça ainda a afirmativa de que “a criatividade é a essencialidade do humano” e ao exercer seu potencial criador é que os seres humanos configuram suas vidas e lhes dão sentido.

Compreender o papel das relações tecidas entre ensinar, experiências criadoras e as influências na formação das pessoas desde a primeira célula social não pode ser desvinculado da importância dos estudos da memória porque é ela que registra, que seleciona e que materializa o que ficou do vivido.

É do presente que parte nosso interesse pela memória. “Um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”, afirma Bosi (2003, p.20). A autora, além do mais, observa que recontar é sempre um ato de criação e que a reconstrução do passado “não é um refúgio, mas uma fonte e um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora de futuro” (p.66).

Para falar do tempo presente faz-se necessário puxar alguns fios de minha memória. Para entender o agora é necessário a contextualização. Ao ingressar na universidade, pensava<sup>3</sup> que meus maiores desafios seriam as apresentações de seminários e os estágios por ter que lidar com minha timidez. E com certeza foram e são desafiadores, mas a timidez foi o menor dos “obstáculos”. Diante da problemática que o ensino público passa e que pude vivenciar nos estágios, com o tempo pude perceber o quanto passar por esses processos foram importantes para o meu desenvolvimento enquanto educadora e como pessoa. Mas, a questão aqui, o desafio que eu julguei ser fácil, tão fácil quanto os seminários e os estágios está em escrever sobre alguém tão próxima de mim, que desde que me entendo neste mundo esteve presente comigo. Como é possível ser mais tranquilo escrever um relatório de estágios sobre pessoas que até um tempo atrás eu não sabia que existiam e ter dificuldades de pôr em palavras alguém que tenho orgulho de chamar de mãe? Talvez a “dificuldade” recaia sobre o peso de não conseguir dar conta de escrever sobre alguém que representa tanto na minha vida.

---

<sup>3</sup> A coautora dessa pesquisa assume também o lugar de sujeito da investigação de acordo com o objetivo central do estudo. Na pesquisa narrativa também se abre a possibilidade de uso do “eu” e do “nós” na tessitura do texto.

É interessante dizer que desde que iniciei esta pesquisa comecei a problematizar algumas de minhas lembranças de infância e debater com meus pais sobre os fatos. Segundo o dicionário Aurélio o conceito de memória é a “faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos. Lembrança, reminiscência” (p.456). Porém, o tempo parece jogar de forma contrária, em relação à memória, por vezes lacunas acabam sendo criadas e estes espaços acabam sendo preenchidos por pensamentos equivocados. Ainda sobre memória Ostrower diz que:

Supõe-se que os processos de memória se baseiam na ativação de certos contextos[...]. É o caso de conteúdos de ordem afetiva e de estados de ânimo, alegria, tristeza, medo, que caracterizam determinadas situações de vida do indivíduo. De um ponto de vista operacional, à memória corresponderia uma retenção de dados já interligados em conteúdos vivenciais (OSTROWER, 2016, p. 19).

Ou seja, o hábito de apenas lembrar acaba sendo ineficiente, a memória é um ponto de partida importante, mas diante do tempo faz-se necessário estimulá-la através de diferentes auxílios, para a pesquisa recorri as entrevistas, fotografias e a observação das coisas de casa, espaços de afeto. Esses dispositivos serviram de disparadores da memória e para materialização dela.

## **REAPRENDER A OLHAR PARA (REVI)VER**

Eu sou fotógrafa e uma das coisas que a gente mais escuta e percebe nas leituras sobre essa temática é que as fotografias têm a capacidade de congelar o tempo, fotos que *a posteriori* ao serem revisitadas tem a capacidade de nos transportar para aquele tempo retratado na imagem estática.

A fotografia [...] embora admitindo a subjetividade da câmera, repousa na nossa convicção de que aquilo que nós, os espectadores, vemos existiu de fato, que aquilo ocorreu em determinado e exato momento e que, como realidade, foi apreendido pelo olho do observador. (MANGUEL, 2001, p. 93).

Olhar os álbuns de fotografia me causou um verdadeiro reboliço de sentimentos, a sensação do futuro repetir o passado. Não com a mesma igualdade, mas com aspectos análogos. Observar os álbuns de família sob a óptica de ser fotógrafa me fez sentir como se ela, estivesse de alguma forma passado essa tarefa para mim. Não chegamos a ter uma conversa sobre isso, mas ultimamente sou eu que registro alguns momentos importantes que acontecem na nossa família.

Percebi semelhança em algumas fotos que ela fez da cidade de Recife e Olinda, que eu sempre olhei com admiração desde a infância, com umas fotografias minhas, tiradas a pouco

mais de três anos. Uma das ações que gosto de praticar é a saída fotográfica pelo centro do Recife, principalmente pelo bairro da Boa Vista. Ela é incentivadora, e isto é perceptível quando diz para mim: “Carol tu tens que emoldurar tuas fotos para colocar pela casa”. E de fato, aos poucos isso vem se tornando realidade.

Outro ponto que percebi em suas fotografias de família, além do caráter espontâneo das imagens, são fotografias minhas com meus irmãos na infância (nenhuma criança gosta de parar de brincar para fazer pose para a foto), são aquelas em que ela monta um cenário pensando na composição. Isso realmente mostra um aspecto sensível, na construção de uma estética, tão dela. Maria Solange adorava fotografar, e utilizava uma câmera analógica, que diante do avanço tecnológico acaba sendo um equipamento que caiu em desuso, hoje em dia. Atualmente, quando ela se propõe a fazer alguma foto recorre ao aparelho celular. Mas, falando sobre as fotos em que ela monta um cenário para o momento do clique, mais uma vez *linkei* com as fotografias de retrato que faço em casa nos meus momentos de estudo e desenvolvimento de minha poética.

Olhar os álbuns de fotografias me fez ver que temos tanta coisa em comum nos nossos processos de criação artísticas que me surpreendeu. É como se eu estivesse redescobrando uma história que estava guardada em alguma gaveta de uma cômoda empoeirada.

Com a minha primeira câmera, uma Kodak zoom, isso em meados de 2007, lembro de utilizá-la para também fotografar as artes que minha mãe fazia, na época ela estava produzindo com material reciclável, como: jornal, garrafas de vidro, papelão e afins. Aqui não pretendo por enquanto falar sobre essas artes em si, mas sim comentar sobre a fotografia que temos em comum. Esses registros, infelizmente, não tenho, mas é interessante perceber como a memória funciona e o quanto me favoreceu nesse processo, começar a investigar para construção desta pesquisa, pois, fez emergir lembranças que, até então, estavam esquecidas, ou em alguma espécie de sono profundo. Sobre isso Ostrower diz que:

A consciência se amplia para as mais complexas formas de inteligência associativa, empreendendo seus voos através de espaços em crescente desdobramentos, pelos múltiplos e concomitantes passados-presentes-futuros que se mobilizam em cada uma de nossas vivências (OSTROWER, 2016, p. 19).

Fica claro afirmar que através dos estímulos, neste caso no exercício de olhar os álbuns de fotografias, a memória se ativa pelas associações<sup>4</sup>, fazendo surgir as lembranças que estavam esquecidas.

Sobre o ato de olhar as imagens fiquei pensando nas camadas de leituras que cada imagem possui, sobre quem eu era das outras vezes em que revisei aquelas fotos e quem eu sou agora enquanto pesquisadora, meu caminho formativo, as bagagens que carrego e questionamentos que trago quando olho atualmente para as imagens com uma visão mais madura, de artista/fotógrafa, mais vivida e ainda assim encantada com a beleza de perceber todas as nossas coincidências.

Ainda sobre o ato de olhar imagens é interessante o que diz Flusser, no livro *Filosofia da Caixa Preta*:

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o “antes” se torna “depois”, e o “depois” se torna o “antes”. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno. O olhar diacroniza a sincronicidade imaginística por ciclos (FLUSSER, 1985. p. 7).

Para além de uma leitura sobre a data em que os fatos ocorreram é interessante a forma como o olhar vagueia pela imagem buscando pontos de maior atenção, transitando quase que em uma outra atmosfera e que durante esse processo de ver, surgem também sentimentos e sensações, às vezes a surpresa por redescobrir elementos que por alguma razão antes não chamava a atenção. Foi exatamente isso que senti.

Olhar para as fotografias é também um misto de ausência e presença. O fato de minha mãe ter sido a responsável por registrar nossos momentos em família, faz com que ela em muitas fotografias não apareça. Acho que dá para contar na mão em quantas fotos minha mãe está presente nas imagens, em comparação aos que ela não está seriam necessários bem mais dedos do que disponho, mas apenas em uma imagem é possível subverter essa situação tão corriqueira, uma fotografia em que ela consegue captar além do assunto sua sombra e enquadra tudo na imagem. Foi um lance de acaso, mas como falei anteriormente ao rever as imagens me surpreendo com as descobertas que antes tinham passado despercebidas.

---

<sup>4</sup> Provindo de áreas inconscientes do nosso ser, ou talvez pré-conscientes, as associações compõem a essência de nosso mundo imaginativo. São correspondências, conjeturas evocadas à base de semelhanças, ressonâncias íntimas em cada um de nós com experiências anteriores e com todo um sentimento de vida.

IMAGEM 1 – A ESQUERDA A FOTOGRAFIA QUE ELA CAPTA SUA SOMBRA ATRAVÉS DO PRÓPRIO ATO FOTOGRÁFICO. A DIREITA UMA DAS POUCAS FOTOS QUE ELA PERMITIU SER FOTOGRAFADA



**Fonte:** Arquivo pessoal, 1998.

O pensamento que vem sobre essas fotografias é do quanto a imagem da esquerda se aproxima do real, a respeito de como é a relação de Maria Solange e a fotografia, como ao capturar a própria sombra ela se faz presente em sua essência. Sobre a fotografia da direita é significativo apresentar Barthes a respeito do ato de ser fotografado “a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a "posar", fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem” (BARTHES, 1984, p.22).

Não pretendo aqui me aprofundar nas problemáticas e questões mais complexas que envolvem a história da fotografia, mas apresentar as percepções que esse encontro com as imagens me causou. Ainda sobre o ato de ser fotografado, Fabris (2004) afirma que o ato de criar uma imagem ficcional, isto é, ao referir-se à pessoa, a pose permite analisar o retrato fotográfico pelo prisma do artifício. Não se prende nos termos técnicos, mas no fato de possibilitar a construção de inúmeras máscaras que escamoteiam de vez a existência do sujeito original.

Gosto desse paradoxo visual, que estando lado a lado gera contrastes, seja na “ausência” e “presença” ou no fato de terem sido realizadas durante o dia e a noite. Elas contam uma história muito bela. Para além de uma análise de uma superfície bidimensional, elas me ajudam a mergulhar no tempo e na memória. Pois, já dizia Canton (2009) que o tempo da memória não é apenas o tempo que já passou, mas o tempo que nos pertence.

## **ELA, A INCENTIVADORA DE CRI(AÇÃO)**

Escrever sobre esse segundo momento da pesquisa me fez lembrar sobre a palestra da escritora Chimamanda Adichie, intitulada: O perigo de uma única história<sup>5</sup>. Chimamanda apresenta de forma consistente sobre o quanto é importante conhecer a história e seus personagens afim de não propagar uma narrativa limitada, engessada, dotada de estereótipos sobre povos e culturas. Aqui, não pretendo levantar tais questões mas, assim como Chimamanda, saber contar uma história respeitando os fatos como são apresentados, dando protagonismo a quem me possibilitou realizar as entrevistas e assim construir no imaginário de quem ler a possibilidade de criar essas imagens, até então, restritas a quem as vivenciou. Através das narrativas enviesadas costuro as memórias coletadas nas entrevistas realizadas, para assim não me limitar a uma única percepção.

A história da relação de Maria Solange com arte é um voltar no tempo, até sua infância e juventude, onde pude conhecer como foram os primeiros contatos que ela teve com a arte e como o contexto possibilitava que desenvolvesse o seu potencial artístico. Se antes comentei sobre a fotografia, aqui darei mais foco aos outros suportes que ela usa.

Ela conta o seguinte quando foi perguntada sobre as lembranças que tem sobre sua infância e o contato com a arte:

---

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story)>.

Mainha bordava, sabia bordar na máquina. Eu aprendi a bordar também, as meninas (Salete, Regina, Gorett) fizeram curso de pintura em tecido. Na escola a gente tinha a matéria que era artes. Aí aprendia fazer almofada, fazer bicho de feltro, pintar... existia essa matéria na escola, de artes. Aí a gente aprendia as coisas (Depoimento de Maria Solange, 2020).

O ensino de arte na escola possibilitava uma vivência tendo contato com diferentes suportes. Em muitas escolas era chamada de trabalhos manuais e para as meninas muitas das atividades se direcionavam às atividades voltadas para o lar, lugar social destinado às mulheres. Em casa, minha avó que também costurava, desenhava e tinha hábito de ler frequentemente criava um ambiente de possibilidades criativas<sup>6</sup>, ela que também era fonte de inspiração. Naquela época era comum que as meninas aprendessem a costurar e bordar, mas minha mãe conta que gostava de desenhar e que meus avós a incentivavam. Sobre essa vontade de desenhar ela descreve:

Quando eu era mais nova, às vezes dava uma vontade muito grande de desenhar, então eu procurava alguma coisa pra desenhar. Criar o desenho eu não era muito de criar, não. Mas de ver um desenho e copiar ele... muitas vezes dava uma vontade danada de fazer algum desenho então tinha que achar um desenho e reproduzir (Depoimento de Maria Solange, 2020).

Ainda sobre o contexto em que cresceu Maria Solange, minhas tias<sup>7</sup> reforçam:

a relação dos irmãos com a arte sempre foi presente, [...] sempre gostaram de escrever, desenhar, pintar, croché. Agora eu particularmente gostava mais de escrever, na minha escola no primário não tinha muito incentivo, agora no ginásio já havia mais condições. Na família minha mãe costurava e bordava muito bem, já eu não tive muito jeito para isso só admirava. Nas minhas irmãs já era natural e sempre procuravam aprender mais como até hoje, né?! (Depoimento de Gorett, 2020).

Complementando o depoimento acima apresentado, outra tia Regina entrevistada, complementa “minha mãe era muito inteligente, realmente ela sabia fazer muita coisa. A escola na época não tinha muita coisa pra se aprender de artes, pelo menos na minha época. [...] Minha mãe ensinava, mas, eu tive dificuldade de aprender” (Depoimento de Regina, 2020).

---

<sup>6</sup>O ato de ser criativo não se restringe apenas ao campo da arte, mas é possível encontrar em diferentes funções e ocupações. Como comenta Ostrower (2016) o vício de considerar que a criatividade só existe nas artes, deforma toda a realidade humana. Constitui uma maneira de encobrir a precariedade de condições criativas em outras áreas de atuação humana.

<sup>7</sup>Sobre as respostas referentes ao ensino de arte na escola, reforço que ambas as tias estudaram em escolas e em períodos diferentes, assim como minha mãe. O acesso a determinadas matérias não era a escola que possibilitava, apesar de ser do ensino público, eram os alunos que tinham que arcar com os materiais. Isso em meados dos anos 70, período comprovado através do acesso ao histórico escolar.

O contexto em que Maria Solange cresceu, foi de fundamental importância para o desenvolvimento de seu potencial artístico. Esse encontro com o passado foi possível graças as vivências compartilhadas por um mesmo grupo. Assim, por podermos nos apoiar na memória dos outros, somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los, conforme nos diz Halbwachs (1990).

Conhecer o passado para entender o presente, diante das possibilidades vivenciadas por Maria Solange foi importante, sobretudo, por perceber que ela trouxe isso para criação minha e de meus irmãos. Nossa realidade diverge em relação a dela, em alguns pontos, nós, eu e meus irmãos tivemos mais acesso em casa a materiais de arte (lápis de cor, tintas, giz de cera, pincéis, papéis e afins). O contexto em que Maria Solange cresceu era um pouco mais difícil financeiramente, mas a ouvindo falar, essa dificuldade apesar de incômoda, não bloqueava o exercício daquilo que ela denominava como arte. Meus pais também nos incentivavam para que criássemos o que quiséssemos. Estimulavam-nos com leituras, contato com diferentes materiais, brincadeiras de sua infância e que nos transmitiam, por exemplo. O mundo de possibilidades de uma criança está na capacidade de deixar sua imaginação fluir.

Quando levanto esses pontos, sobre o contexto que minha mãe cresceu e que eu cresci, sobre o contato com a arte e os estímulos proporcionados por nossos pais, faz-se necessário comentar sobre os processos sociais envolvidos na construção das habilidades. Ter a arte como espaço de desenvolvimento criador e prático na vida é um elemento comum entre nós. Atualmente, estou cursando uma Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal e Maria Solange, produzindo o que ela chama de artesanato até hoje. Cresci, acompanhando-a criar suas artes.

Ao pensar sobre os processos sociais que estão imbricados na construção das habilidades Bueno<sup>8</sup> nos ajuda a entender que:

os processos de constituição das habilidades estão associados e sofrem influência das condições e trajetórias sociais dos sujeitos e de suas famílias, das intenções e propósitos socializadores; são sustentados por ações mobilizadoras da família; relacionam-se a aspectos intersubjetivos; vinculam-se a histórias e memórias familiares e, por fim, são dependentes de múltiplas modalidades de socialização (BUENO, 2007, p.52).

Portanto, é possível afirmar que o nosso interesse individual pela arte traz consigo influências dos contextos em que fomos inseridas, pois, nossa família, nos dava o suporte e o incentivo para termos a arte como parte do nosso processo de desenvolvimento. Isso fica evidente através das memórias divididas, da criação familiar, do incentivo encontrado na escola.

---

<sup>8</sup> Artigo disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/rto/article/download/14006/15824/> >

Para complementar essa narrativa meus irmãos e minha mãe, nos contam como foi a infância e criação, em contato com a arte. Apresentar os fios que costuram essas memórias se torna fundamental, especialmente, por entender com Halbwachs que:

[...] pode acontecer que os depoimentos de outros sejam os únicos exatos, e que eles nos corrijam e reorientem nossa lembrança, ao mesmo tempo que se incorporem a ela. [...] se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas suas substâncias, é que nossa memória não é uma tábua rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado. [...] dentro desse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p.28)

É evidente que, as memórias que tenho de minha infância, são memórias compartilhadas com minha família, claro que em certos momentos as percepções são mais individuais, porque vai de acordo com a subjetividade e interpretação de cada um. Buscar as lembranças apenas com o uso de documentos e de álbuns de fotografias como referências, podem ser insuficientes em alguns momentos. Ouvir as pessoas que compartilharam das mesmas vivências, reativa as memórias e essa dinâmica é de fundamental importância. Ao perguntar aos meus irmãos sobre nossa criação e o contato que tivemos com arte, facilitado por Maria Solange, apresento os seguintes recortes:

[...] tive a oportunidade de ver, viver sua criatividade na minha infância. Seja com desenhos que ela fazia para mim, pra você e Felipe, seja com colagem, costura etc.etc. Como as bonecas de meia que ela fez, por exemplo. [...]sem sombra de dúvida, não apenas ela, mas nosso pai também. Lembro do carrinho de lata que ele me ensinou (eu nunca aprendi). Mas, dona Solange por nos criar diretamente e nosso pai passar o dia fora trabalhando, foi quem mais incentivou, ora criando, ora orientando. Puxando pela memória lembro de um chaveiro que tentei fazer com um pedaço de tábua. São muitas memórias. As já citadas acima, bem como uns "bichinhos" de barro que fazíamos, como também fazer aviões, carros e até um "trem" com garrafa pet (Depoimento de Daniel, 2020.)

[...] ela desenhava e criava brincadeiras. [...]incentivava a leitura. Ajudava na criação de brinquedos. Ex: aviões de garrafa. Lembro de jogar para arrumar os brinquedos, de ler livros de poesia e enciclopédias com histórias. De criar brinquedos e brincadeiras novas (Depoimento de Felipe, 2020).

Ao questioná-la sobre que arte ela nos ensinou, sua resposta se direciona a diferentes técnicas que envolvem processos de transformação com materiais diversos. Mas, além disso, a imaginação pareceu ser o elemento central que possibilitou o envolvimento dos filhos. Assim, ela mesma nos diz:

Eu ensinei a fazer brinquedinho com restinho de madeira, lembra? [...]que vocês iam buscar os restinhos de madeira e eu fazia. E recortava das revistas foto de comida pra colar como se fosse o armário. E fazia coisinhas com garrafa pet, recortava em formato

de poltrona, enchia de coisas e botava o paninho para as bonecas sentarem (Depoimento de Maria Solange, 2020).

Certamente crescer em meio a esse contexto favoreceram minhas escolhas de vida e perceber o papel transformador que a arte tem para o desenvolvimento humano. De acordo com Bueno (2007) as habilidades são socialmente constituídas, ou seja, que elas se constituem e emergem a partir de processos de socialização.

Crescer em um ambiente estimulador me permitiu vivências e experiências. A terra para criar panelas de barro na minha infância e que ao ingressar na Universidade tive componentes curriculares voltados apenas para o manuseio da argila/barro. Além plásticos, tecidos, papéis tão utilizados nas brincadeiras com dobraduras, criação de roupas das bonecas, que reencontrei nos componentes criativos de composição e invenção dentro do campo acadêmico, são exemplos de algumas lembranças ativadas ao me ver dentro desse outro ciclo de ensino. Manipular os materiais que mencionei, me permitiram ampliar o repertório criativo, crítico e argumentativo. Concordo com Bondía quando afirma o seguinte sobre a oportunidade da experiência:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase sempre impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar – se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar – se tempo e espaço (BONDÍA, 2001, p.24).

É necessário dilatar os sentidos para viver a experiência. D. Maria Solange continua fazendo suas artes até hoje, sempre que a oportunidade surge. Seu fascínio pelos trabalhos manuais e criações diversas se espalha pela casa e algumas residências de familiares e amigos.

A seguir, imagens de seu processo de produção:

IMAGEM 2 – DETALHE DA ELABORAÇÃO DE UM ENFEITE DE PAREDE



**Fonte:** Acervo pessoal, 2020.

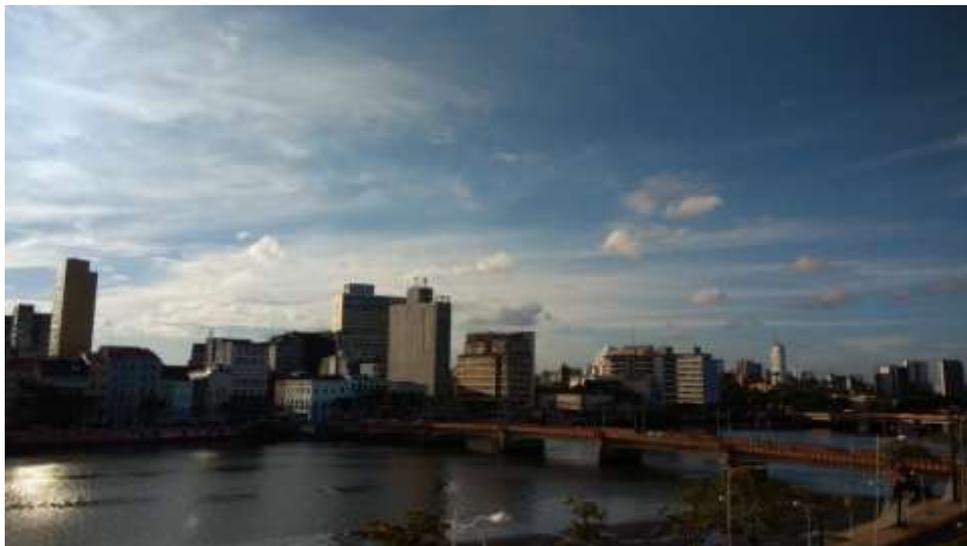
Além da experimentação de diferentes suportes, é na fotografia que percebo nossa maior semelhança. A seguir um contraste entre algumas fotografias registradas por ela na câmera analógica e fotografias que fiz com o celular.

IMAGEM 3 – OLHAR EM PERSPECTIVA A PARTIR DA PONTE DE FERRO



**Fonte:** Fotografia de Maria Solange, 1999. Acervo pessoal.

IMAGEM 4 – VISTA DO RECIFE ANTIGO



**Fonte:** Fotografia de Carol Mota, 2018. Acervo pessoal.

Quando revisitei a fotografia *Olhar em perspectiva da Ponte de Ferro*, imediatamente surgiu em minha mente a imagem dessa foto que fiz do Recife. Podemos observar os elementos comuns como as pontes, o rio, a verticalidade discreta de Recife em pleno fim de tarde, o excesso de azul, sombra e sossego. Nós não planejamos a composição, até mesmo porque elas foram realizadas em tempos distintos. Nossa semelhança talvez recaia por serem fotos tiradas do Recife, é uma possibilidade, mas acredito que a gente carregue algo em comum que vai além. E esse algo em comum é difícil pôr em palavras, é que o pensar tem abstrações. Sobre isso Bondía comenta:

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos têm sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que se nos acontece. [...] o sentido ou o sem-sentido é algo que tem a ver com palavras (BONDÍA, 2001, p.20).

Lembro que achei a cena bela, então agi instintivamente e fotografei. E no diálogo que realizei com minha mãe sobre a foto que ela tirou vi semelhança na fala, tais como *achei a cena bonita e quis fotografar, gosto do verde das plantas e desse azul, eu não pensei muito apenas fotografei*. Vale reforçar que a distância temporal entre uma fotografia e outra é de pouco mais de 10 anos aproximadamente e que eu não tinha revisitado a imagem antes de sair e fazer essa foto, na verdade consegui achar semelhança quando iniciei a pesquisa.

As lembranças que tenho dela fotografando, são memórias de infância, desde a minha adolescência até agora, fase adulta, não a vejo mais fazendo fotos, como as que encontro nos álbuns. Com aquela necessidade de guardar o momento, por ser algo único. Claro que, a dinâmica do mundo mudou, as câmeras analógicas não são mais os únicos recursos fotográficos utilizados. Ela ainda fotografa, principalmente as peraltices dos netos, mas não se compara a produção de álbum.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seriam as memórias de infância responsáveis pelo meu gosto pela fotografia? Por eu ter seguido o caminho da fotografia? Minhas lembranças, por mais que sejam únicas, se conectam com outros fatores (o contexto, os diálogos, o gosto pela arte) que de certa forma ajudaram a ir erguendo e porque não decidindo sobre esse meu percurso com a fotografia. O meio nos influencia, e diante de todos esses atravessamentos alguns se conectam conosco, reforçam nossas afinidades, que aos poucos vão se solidificando. Halbwachs (1990) comenta que é estranho que estados que apresentam em caráter tão surpreendente de unidade irreduzível, que nossas lembranças mais pessoais resultem da fusão de tantos elementos diversos e separados. É como uma teia, onde percebemos que existem coisas presas nela e nós não conseguimos ver esses fios, mas que estão presentes. Esse retorno ao passado apresenta-se nítido para mim, porque justamente ele apoia aquilo que gosto, admiro.

Além desses fios que nos conectam e nos influenciam, existe algo cíclico que se aproxima do que Canton (2009) apresenta como narrativas enviesadas que pude perceber como semelhança ao que a memória faz. No movimento de retorno ao passado temos a bagagem do tempo presente, não somos mais os mesmos e ao voltar para o tempo presente também nos transformamos, trazemos outras interpretações do que foi vivido. Fazer esse movimento na busca de encontrar as razões que me influenciaram ao desenvolvimento de minha poética, passa por esse processo. O caminhar da memória não é sobre algo que ficou no passado, mas sobre acontecimentos que reverberam em toda nossa construção. É cíclica!

Somando a isso também pude perceber que se eu não tivesse uma criação livre para tentar e viver minhas escolhas, provavelmente, não teria definido a fotografia como expressão artística. Talvez estivesse só na escrita para dar vazão as minhas inquietações.

Refletindo sobre essa imersão nas histórias e nos nossos contextos de criação. Ostrower (2006, p 26) reforça que *“ainda que em cada pessoa as potencialidades se realizem em interligação com fatores externos, existem sempre fatores internos que não podemos*

*desconsiderar*”. Isto reforça que minha inclinação pela arte, parte não só dos estímulos externo, mais que foram potencializadas graças a estes, em minha criação. Estando assim em concordância com os desejos internos. A autora amplia essa percepção ao dizer que:

[...] como o próprio viver, o criar é um processo existencial. Não abrange apenas pensamentos nem emoções. Nossa experiência e nossa capacidade de configurar formas e de discernir símbolos e significados se originam nas regiões mais profundas de nosso mundo interior, do sensório e da afetividade, onde a emoção permeia os pensamentos ao mesmo tempo que o intelecto estrutura as emoções (OSTROWER, 2006, p.56)

A vontade que trago dentro de mim conseguiu ter espaço para experienciar, criar e fortalecer as raízes necessárias. Assim, pude caminhar com mais certeza, mas não com rigidez que a certeza traz, pisar com a delicadeza de apreciar as sensações do caminho, de apreciar os detalhes das vivências, as sutilezas das matérias em suas diferentes formas e texturas, enquadrar, iluminar e fazer recortes das percepções.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story) Acessado em: 14/01/2020.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara Notas Sobre a Fotografia**. Ed: Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1984.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2001. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf?origin=publication\\_detail](https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf?origin=publication_detail) Acessado em: 15/07/2018.
- BOSI, ÉCLEA. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BUENO, K. Os Processos Sociais de Constituição das Habilidades. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 18, n. 2, p. 47-53, 1 ago. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/download/14006/15824/> Acessado em: 30/04/2020.
- CAMILLIS, Lourdes Stamato de. **Criação e docência em arte**. Araraquara: JM Editora, 2002.
- CANTON, Katia. **Narrativas Enviesadas**. Ed: WMF Martins Fontes: São Paulo. 2009.
- CANTON, Katia. **Tempo e Memória**. Ed: WMF Martins Fontes: São Paulo. 2009.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. Ed. Hucitec: São Paulo. 1985. Disponível em: [http://www.iphi.org.br/sites/filosofia\\_brasil/Vil%C3%A9m\\_Flusser\\_-\\_Filosofia\\_da\\_Caixa\\_Preta.pdf](http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Vil%C3%A9m_Flusser_-_Filosofia_da_Caixa_Preta.pdf) Acessado em: 10/01/2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Ed: Vértice. São Paulo, 1990.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de Amor e Ódio**. Ed: Companhia das Letras, São Paulo. 2001.

MARTINS, R.; TOURINHO, I.; SOUZA, E.C. (Org) **Pesquisa Narrativas: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processo de Criação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2016.

Entrevistas concedidas:

Maria Solange. Entrevista concedida. Recife, Brasil, março de 2020.

Gorett. Entrevista concedida. Recife, Brasil, março de 2020.

Regina. Entrevista concedida. Recife, Brasil, março de 2020.

Daniel. Entrevista concedida. Recife, Brasil, março de 2020.

Felipe. Entrevista concedida. Recife, Brasil, março de 2020.